

14555 - Agroecologia e resistência camponesa – Considerações a respeito da Transição Agroecológica no Assentamento Águas Claras, Ribeirão - PE

Agroecology and peasant resistance – Considerations about agroecological transition in Settlement Águas Claras, Ribeirão - PE

MEDEIROS, Anamaria Melo ¹; GONÇALVES, Claudio Ubiratan²

1 Universidade Federal de Pernambuco, mlmd.anamaria@gmail.com ; 2 Universidade Federal de Pernambuco, birarural@ig.com.br

Resumo: Este trabalho objetiva discutir mudanças ocorridas no espaço agrário pernambucano após a inserção de práticas agroecológicas no Assentamento Águas Claras, município de Ribeirão região da Zona da Mata. A principal hipótese defendida é a de que mesmo num cenário dominado pela monotonia visual e social da monocultura de cana-de-acúcar e do modelo de desenvolvimento sucro-alcooleiro da região, há possibilidade de aderir formas alternativas ao sistema vigente, gerando autonomia diante do mesmo. A pesquisa foi desenvolvida mediante levantamento bibliográfico, visitas a ONGs e realização de trabalhos de campo com a finalidade de compreender melhor a dinâmica do assentamento em questão por meio de observação e entrevistas. Buscar-se-á demonstrar na conclusão que a agroecologia aparece, neste contexto, como uma forma de resistência do camponês e que por ela e por esta resistência consciente, o campesinato se reformula e criam-se novas perspectivas para o que parecia impossível.

Palavras-chave: Agroecologia, Espaço Agrário, Camponês, Transição Agroecológica

Abstract: This work discusses changes in agrarian space in Pernambuco after insertion of agroecological practices in Settlement Águas Claras, municipality of Ribeirão located in Zona da Mata. The main hypothesis put forward is that even in a setting dominated by the visual monotony and social monoculture of sugar cane and development model sugar-based ethanol in the region, there is a possibility of joining alternative to the current system, generating autonomy before the same. The survey was developed through literature review, visits to NGOs and conducting field work in order to better understand the dynamics of the settlement in question through observation and interviews. Search will demonstrate the conclusion that the agroecology appears in this context as a form of resistance and peasant for her and this conscious resistance, the peasantry is reformulated and create new prospects for what seemed impossible.

Keywords: Agroecology, Space Agrarian, Peasant, Agroecological Transition

Introdução

Alicerçados na ideia de que o espaço agrário não é imutável apesar da história (quase sem mutação) que ele carrega e analisando a problemática das atividades pungentes do setor sucro-alcooleiro apoiadas pelo Governo do Estado, buscamos neste estudo reanimar a corrente que estuda o campesinato na Geografia levando em consideração que a inserção de uma ciência relativamente nova que é a Agroecologia – que surgida após, e com propósitos opostos à Revolução Verde, como citado em Caporal e Costabeber (2007, p.16) se nutre de diversas disciplinas e avança para esferas mais amplas de análise, justamente por possuir uma base epistemológica que reconhece a interdependência entre o sistema social e o sistema ecológico e que em estudos de cunho geográfico nos instiga a repensar o papel e o posicionamento do geógrafo frente às novas possibilidades no espaço agrário.

Pretendemos assim, expor a significância dos estudos sobre espaço agrário e campesinato, levando em conta que estes dois pontos nos possibilitam compreender como o cenário rural do Estado de Pernambuco tende a sofrer mudanças, vide o que acontece em alguns pontos da Zona da Mata. Torna-se relevante o estudo da agroecologia, do sujeito camponês e da mudança sofrida pelo mesmo diante do contexto em que ele está inserido, pois é de fundamental importância compreendermos como geógrafos, o espaço agrário; atentos sempre para as mudanças nele ocorridas, desprendendo-nos do pragmatismo a qual estamos acostumados de que o mundo rural é complexo de mudar ou vendo-o ser mercantilizado para projetos desenvolvimentistas ou empresas do capital.

Metodologia

O estudo foi desenvolvido inicialmente mediante revisão bibliográfica dos temas abordados no mesmo e posteriormente por um levantamento histórico e geoambiental da Zona da Mata Sul do estado de Pernambuco a fim de obter uma melhor interpretação da área estudada, bem como a construção de uma visão mais crítica diante dos fatos interpretados. Houve também uma rigorosa leitura de obras que versavam sobre a Agroecologia enquanto ciência e movimento e também trabalhos que tratavam da questão do campesinato e sua relação com a ciência citada e com a Geografia, a fim de facilitar a interpretação das questões colocadas pelo camponês/agricultor. Posteriormente às leituras iniciais, completou-se a metodologia traçada com trabalhos de campo, cujo o intento foi participar mais ativamente da dinâmica do agricultor, compreender como se dão as relações no assentamento, como agem e se articulam os sujeitos ligados não só ao assentamento em questão, mas que estão ligados ao movimento agroecológico no local e compreender ainda como deu-se a transição para a agroecologia e como está sendo desenvolvido tal processo.

Para concluirmos nosso objetivo, fez-se necessária a realização de entrevistas não diretas destinadas à compreensão da dinâmica social e das mudanças encontradas no percurso da transição, que é o principal ponto abordado na presente pesquisa.

Resultados e discussões

Provocados pela paisagem vista no aparente inconvertível cenário da Zona da Mata pernambucana, instigados pela probabilidade de mudança, ainda que tímida e com o intuito de repassar isto dentro da academia e criar estratégias para melhoria de vida dos camponeses envolvidos em tal cenário; buscamos primeiro compreender como funciona tal região canavieira, como foi sua história, para assim, compreender sua realidade atual e as perspectivas de mudança que podíamos encontrar e também sugerir.

O que pudemos observar no contato com o camponês, é que a transição é feita por etapas e parte de pontos muito mais profundos, visto que a mesma começa com uma mudança ligada a identidade territorial dos camponeses, ocorrida quando os mesmos, apoiados por agricultores que encontram-se em outro estágio da transição que enquadra justamente o notar que existe outra perspectiva que não a venda/corte de cana ou qualquer outro produto com o uso de insumos agroquímicos e constitui a parte mais difícil da longa caminhada feita na transição: O “desligar-se” das suas

raízes culturais e a compreensão de que há como viver bem, fazendo agricultura e não apenas (sobre)viver. Nasce então, nesse estágio um processo de crítica aos impactos sociais e ambientais gerados pelo sistema convencional, sustentado, até então, na aparente certeza de que não haviam alternativas àquele modelo, alterando assim não apenas o seu espaço físico visto que há uma mudança clara na paisagem, mas também alterando seu espaço econômico e sociocultural, pois de acordo com Pádua citado por Schmitt (2009, p. 185) a agroecologia é muito mais do que uma forma de gestão dos recursos naturais, configurando-se como um novo modo de vida rural, capaz de conjugar “valores, qualidade de vida, trabalho, renda, democracia e emancipação política em um mesmo processo ou ainda como uma “ferramenta de resistência dos camponeses e camponesas na proposição de um outro projeto de agricultura” (SCHMITT, 2009, p. 185 apud MMC, s/d).

Lúcidos de que tal camponês não concorre com o agronegócio pelo qual está rodeado, mas que a prática agroecológica cria alternativas de sobrevivência à este modelo, compreendeu-se ainda que a inserção das práticas agroecológicas altera a percepção camponesa diante do espaço em que convive, suas práticas em relação ao mesmo e também reafirma sua identidade com o local; percebendo-se como agente direto e reflexivo perante suas práticas, contrárias ao modelo produtivista o que por sua vez, ao confrontar-se com o modelo hegemônico, também produz novas contradições. Colocadas tais mudanças no espaço agrário, salientamos também uma notável mudança na paisagem, que torna-se - nos espaços agroecológicos, por assim dizer – heterogênea, diversificada e enriquecida, saindo da monotonia da monocultura de cana-de-açúcar; Lembrando que além da mudança visual, existe a mudança nas relações sociais, onde percebemos que o agricultor criou uma autonomia frente a este sistema, pois já comercializa seus produtos e toda sua renda vem da produção agroecológica que desenvolve em sua propriedade, onde o camponês afirma e (re)afirma seu papel e suas ações perante o espaço em que encontra-se inserido refutando a idéia do modelo convencional do sistema capitalista de produção

Diante do exposto e pensando na história de vida do sujeito estudado neste artigo, podemos afirmar que existe um processo de resistência e recampesinização fazendo-se presente na história do Assentamento Águas Claras onde são desenvolvidas práticas agroecológicas, orientadas para um mercado que não é regido simplesmente pelo capital, o que nos faz interpretar a Agroecologia como uma afirmação da recampesinização.

Posto isto, torna-se válido questionar: onde encontra-se a recampesinização como forma de resistência ao agronegócio? A resposta reside no que é visto diante do cenário de exploração, segregação e destruição provenientes da agricultura industrializada e capitalista, das monoculturas, do uso da cana-de-açúcar e da desculpa da destruição para o desenvolvimento é que surgem as mais diversas formas de resistência que trazem consigo novas situações e geram mais processos. O campesinato se reinventa e nasce a recampesinização quando há cooperação familiar que é usada no trabalho, no modo de vida camponês, entendendo como funciona o mercado e aprendendo a conviver com ele, sem estar dependente do mesmo. É através da luta e manutenção de conquistas como a identidade territorial que o camponês se afirma do ponto de vista histórico e social, no sentido em que resiste a condição esmagadora que é imposta pelo capitalismo.

Conclusões

A título de conclusão, a transição agroecológica é, no nosso modo de pensar o ponto principal para a reafirmação do camponês no seu território e faz-se viável e é motivo de esperança e de difusão, pois assim como um dos entrevistados (Seu Pedro) resiste conscientemente com uma produção diversificada, limpa de agrotóxicos e comprometida com a saúde de seus compradores, resistindo a cerca do monocultivo da cana, do capital sucroalcooleiro e do contexto imposto por ele. Podemos afirmar que é possível e necessário sim resistir a um modelo que subjuga outras culturas e pesquisadores da sociedade agrária, da história dos camponeses podemos ajudá-los a resistir, não levando soluções prontas para as comunidades, mas desenhando junto com eles estratégias de desenvolvimento a partir de suas identidades locais, entendendo a realidade de cada um dos envolvidos no processo. Podemos dizer que a transição possibilitou grandes mudanças na vida e no cenário do agricultor, que como coloca Ploeg, é um camponês do terceiro milênio. Agricultor que resiste a pressão, que experimenta o novo e que faz da agroecologia sua bandeira, pra mostrar para os demais que há como escapar da barreira da cana e (re)inventar modos de autonomia, sobrevivência, de independência do sistema do agrolucro, ainda que toda essa mudança seja feita na Zona da Mata, tão marcada pela exploração das pessoas e da terra, um espaço onde sempre quem ganha é o mar de cana.

Referências bibliográficas:

ANDRADE, Manoel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste: Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste.** 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

BEZERRA FIGUEIREDO, Marcos Antonio. **Uma Estratégia de Desarrollo Local desde las Experiencias Agroecológicas de la Región Cañera Pernambucana – Brasil.** Córdoba, 2010. 262p. Dissertação (Doutorado em Agroecologia). Departamento de Ciências Sociales y Humanidades, Instituto de Sociología y Estudios Campesinos.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia: Alguns conceitos e princípios.** 24p. Brasília: MDAA/SAF/DATER – IICA, 2004.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.** 6 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SCHMITT, Claudia Job. **Transição Agroecologica e desenvolvimento rural: Um olhar a partir da experiência brasileira.** In: _____ (Org.). Agroecologia e os desafios da trasição agroecologica. São Paulo: Ex. Popular, 2007. p 177 - 203.

VAN DER PLOEG, Jan Douwe. **Camponeses e Impérios alimenteres – Lutas por autonomia e sustentabilidade na Era da Globalização – Serie: Estudos Rurais;** Porto Alegre: UFRGS, 2008. 372p.